
- **LITERATURA BRASILEIRA II**

Coordenador(a): *Maria Helena de Moura Arias*

A BUSCA DA MORAL – CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CRÍTICA DE ROMANCES NA IMPRENSA BRASILEIRA OITOCENTISTA

Hebe Cristina da Silva (UNICAMP)

A produção de romances no Brasil iniciou-se nas primeiras décadas do século XIX, embora o gênero já fosse um antigo conhecido dos brasileiros, que importavam traduções de narrativas

européias desde meados do século XVIII. Nesse contexto de formação do romance nacional, a crítica literária exerceu um papel considerável, fornecendo algumas diretrizes para os primeiros romancistas, os quais se viam destituídos de modelos locais. Ainda que relativamente escassas, as críticas publicadas pela imprensa oitocentista localizadas até o presente momento permitiram-nos perceber que um dos critérios fundamentais utilizados na análise das narrativas era a avaliação do seu conteúdo moralizante. Utilizada inicialmente para a abordagem de romances estrangeiros, quando ainda não havia produções nacionais, a avaliação da moral esteve presente também nos textos críticos que abordaram as produções dos romancistas brasileiros, como pudemos perceber na leitura de textos publicados entre as décadas de 1840 e 1870. As narrativas que satisfizessem esse critério tendiam a ser bem avaliadas e tal aspecto certamente era levado em conta pelos escritores no momento de produção de seus livros, pois era um caminho relativamente seguro para aqueles que desejavam corresponder ao gosto do público leitor. Por isso, o estudo dessas críticas mostra-se de fundamental importância, pois possibilita que nos aproximemos da noção de romance compartilhada por parte dos intelectuais da época e compreendamos melhor o contexto em que se deu o início de produção de romances no Brasil. Esta pesquisa conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

A MÚSICA EM MACHADO DE ASSIS

Cristiane Rodrigues de Souza (USP)

Entre diferentes formas de abordagem que desvelam nuances da obra de Machado de Assis, aparece um novo olhar que procura nos textos de Machado algo do inefável próprio da música. Um estudo que procure, em meio ao texto literário, sombras, ou ecos, musicais, como o realizado por José Miguel Wisnik, "Machado Maxixe", no número 4/5 da Revista Teresa, revista de Literatura Brasileira, inaugura uma nova forma de se ler o texto machadiano. Da mesma forma, propomos traçar uma linha buscando, por entre os textos de Machado, textos narrativos que nos permitam pensar como, em sua obra, se realiza a aproximação entre música e literatura. Alguns contos, como "O machete" (publicado no Jornal das famílias, em 1878), "Cantiga de esponsais" (Histórias sem data, 1884), "Trio em lá menor" (Várias histórias, 1896), "Um homem célebre" (Várias histórias, 1896), assim como os romances Esaú e Jacó (1904) e Memorial de Aires (1908), permitem essas reflexões. Dessa forma, partindo do estudo de "Trio em lá menor", estabelecendo relações com outras obras que também revelam características musicais, podemos delinear a musicalidade da prosa de Machado, marcada pelo balançar entre dois opostos, movimento em busca do absoluto.

A QUEM JUSTIFICAR A MINHA CULPA? – UMA LEITURA DOS CONTOS

Valda Suely da Silva Verri (UEL)

A obra de João Guimarães Rosa situa-se cronologicamente na vanguarda narrativa contemporânea que explora as dimensões da consciência do ser humano. Assim, o conflito homem/mundo, que permeia a literatura modernista, acompanha a obra regionalista de Rosa. Seu trabalho lingüístico que escapa à narração convencional, já é bastante discutido pela crítica literária contemporânea e faz-se naturalmente a partir de uma "situação narrativa", definida por Gerard Genette. Esta constitui um dos aspectos do texto narrativo cujos dois protagonistas são o narrador e o narratário. O narratário, embora tendo recebido ainda pouca atenção dentro dos estudos literários, é uma instância de real importância na narrativa e que, podemos afirmar, não se restringe a um mero receptor pacífico, consumidor das informações do narrador, mas, como um destinatário imediato do discurso do narrador, interfere, de forma, às vezes mais, às vezes

menos, explícita no texto. Empregando a terminologia de Gerard Genette, buscamos, então, realizar uma leitura de dois contos do referido autor, a fim de perceber qual é a função reservada aos narratários dentro da situação narrativa. São eles: "Antiperipléia" e "-Uai, eu?", ambos da obra Tutaméia (terceiras estórias). Nosso trabalho busca compreender como o papel desses narratários contribui para expressar um regionalismo com introspecção e de que maneira a qualidade literária dos dois textos pode ser atribuída também ao papel desempenhado pelos narratários. Faz-se necessário perceber que intencionalidades existem no discurso desses narradores em relação a seus destinatários e de que maneira estes determinam o discurso dos narradores. Assim tentamos esclarecer como o regionalismo de Rosa é capaz de alcançar os anseios do homem de outras regiões e outros tempos.

A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA: UM ROMANCE NO ROMANCE – UM ROMANCE SOBRE O ROMANCE

Maria Aurora Neta

Uma das formas de construção recorrentes no romance moderno diz respeito ao desvendamento do tecido romanescos, que se faz por meio de um trabalho que expõe o fazer narrativo. O objetivo dessa comunicação é analisar a composição metaficcional do romance A rainha dos cárceres da Grécia, de Osman Lins, observando de que forma o desdobramento dos níveis narrativos configura-se como instrumento capaz de criar um jogo de espelhos em que personagem e narrador ora fundem-se em uma mesma figura, ora distanciam-se à medida que o próprio romance é tecido. Dessa maneira, expõe-se ao leitor o processo de construção de duas narrativas: aquela lida pelo personagem e outra, contada por ele ao mesmo tempo em que sua leitura se refaz e motiva a transfiguração de significados. Analisando esse desdobramento da instância narrativa, discutir-se-á a questão da obra que expõe suas inquietações e tece comentários a respeito do fazer literário, de modo a insinuar seu próprio caráter reflexivo e propor que seja lida menos por um ângulo temático e mais pelo processo criador que a constitui.

IMAGENS FEMININAS – O GROTESCO PRESENTE EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

Patricia Aparecida de Azevedo (MACKENZIE)

Em breve síntese, a proposta do trabalho é apresentar o grotesco presente em "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis, bem como mencionar outros recursos utilizados nesta obra. A maioria das partes grotescas analisadas pertencem as figuras femininas. Da beleza inicial ao final decadente, vemos como estas se transformam diante das "fatalidades da vida". Além disso, trataremos da ironia, assim como da carnavalização e da paródia também presentes no romance em questão. O estudo ora apresentado neste trabalho nos permite tecer a diversidade utilizada por Machado de Assis na constituição de tão exemplar romance.

O ENTRECRUZAMENTO ERÓTICO, PICTÓRICO E MUSICAL EM "A HORA DA ESTRELA"

Lígia Maria Winter (UNESP)

A leitura interpretativa realizada neste trabalho situa-se na fronteira entre os planos erótico, pictórico e musical, agenciando elementos dessas diferentes linguagens no estudo do texto literário "A Hora da Estrela", de Clarice Lispector. O trabalho busca analisar o procedimento de construção e o movimento dos sentidos do texto partindo da camada temática, com especial atenção às cifras que permeiam o jogo erótico entre os personagens, até o trabalho com o plano de expressão da narrativa, em que se entrecruzam efeitos sonoros, sensoriais e pictóricos. Desse

modo, podemos perceber a complexidade do trabalho com fronteiras, limites, que caracteriza temática e formalmente a consciência estética do texto clariciano.

O PONTO DE VISTA PARADOXAL DO CONTO "A MENOR MULHER DO MUNDO" DE CLARICE LISPECTOR

Giselle Madureira Bueno (USP)

Em "A menor mulher do mundo" (1), o leitor é desorientado por uma voz narrativa ambígua, cuja dicção oscila entre a perversidade de um ponto de vista incapaz de reconhecer a alteridade de uma negra africana (cúmplice que é de toda a galeria de personagens brancos e "civilizados" do conto) e o distanciamento irônico e crítico ante esses mesmos personagens. Pequena Flor, figura pertencente à ordem da matéria-primal, do caos, do estranho freudiano, que pode ser considerada duplo invertido e outro radical dos personagens ditos civilizados, possui uma natureza desordenadora que invade a própria narrativa, o ponto de vista e o leitor. É assim que a forma que se anuncia como elemento estruturador do conto e que tem como modelo a imagem inicial da "caixa dentro de uma caixa, dentro de uma caixa" (2), referida à africana, não é cabalmente desenvolvida e, ao final, desarticula-se. Igualmente, ao caráter paradoxal e escapável de Pequena Flor, corresponde a escapabilidade do ponto de vista. Eis a nota engenhosa da elaboração desse texto: a voz narrativa que constrói a dignidade da pigméia e que, pela denúncia impiedosa dirigida aos "civilizados", serve ao leitor avisado de guia para a interpretação, simultaneamente compactua com a truculência dos personagens. Clarice evita a armadilha de um foco narrativo judicativo, moralmente superior e purificado. Constrói um narrador que trata o outro, o excluído, de forma paradoxal, concebendo uma voz narrativa não perigosamente alienada da condição humana contraditória, mas mais ou menos consciente da própria dificuldade de reconhecer a alteridade interna e externa. Enfim, neste conto, a obra de arte serve-se da crueldade do ponto de vista para não esconder a face ambígua e obscura de nossa sociedade segregadora - de todos nós.

(1) LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. 24 ed. RJ, Francisco Alves, 1991. p. 87.

(2) Idem, *ibidem*.

TODAS AS LETRAS DE UMA ANGÚSTIA

Maria Helena de Moura Arias (UEL)

O Romance *Angústia* de Graciliano Ramos carrega em si uma série de acontecimentos os quais tem como testemunha os olhos incansáveis da cidade. Estes não dormem, apenas observam a movimentação de seus elementos. O livro trata da singular história de Luiz da Silva, personagem solitário perturbado pelas recordações de sua infância. A cidade trouxe Luiz da Silva do interior iludindo-o com suas falsas promessas. Apesar de que este não chegou ali para realizar um grande sonho, mas sim, como já não tinha mais nada nem ninguém, por uma absurda necessidade de fugir e se esconder. Neste aspecto, o presente trabalho tem a pretensão de demonstrar o quanto a busca por uma realização pode sucumbir de um momento para outro, quando o personagem encontra obstáculos mais significativos na cidade a qual escolheu para sua permanência. A cidade do presente é um labirinto repleto de conflitos e desafios. A realidade, algo adjacente às suas ruas e fachadas segregam Luiz da Silva de sua própria idealização. O personagem luta contra sua frágil existência quando exclui de si mesmo qualquer expectativa que o prenda ao futuro. Para ele existe apenas o passado e seus fantasmas. Cada momento de Luiz da Silva na cidade é traspassado por imagens e falas de pessoas que habitaram sua infância. Pressupõe-se, por isso, que o personagem jamais deixou o interior, quedando-se preso à suas origens e à sua terra.